Agronegócio

DESTAQUE ECONÔMICO, IMPORTÂNCIA SOCIAL

Caio Tibério Dornelles da Rocha*



O AGRONEGÓCIO desempenha um papel estratégico na economia nacional. Atrai investimentos estrangeiros e colabora para o desenvolvimento do País. Porém, sua participação no Produto Interno Bruto (PIB) não segue o rumo previsto pelas teorias econômicas – a despeito da desaceleração geral, o crescimento da produtividade do campo não cessa. Há duas décadas, o setor é responsável por aproximadamente um quarto de toda a riqueza produzida no Brasil.

Segundo dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP), o PIB do agronegócio era de R$ 729 bilhões em 1994, o equivalente a 26,3% do PIB do País. Até 2003, a taxa de crescimento do setor acompanhou o produto interno nacional, com 2,2% ao ano, levando à variação acumulada de 21% de ambos. Já no ano de 2003, o produto interno do setor encerrou com R$ 884 bilhões, o que correspondia a 26,3% do total brasileiro, de R$ 3,36 trilhões.

Já o período mais recente, de 2004 a 2013, foi marcado pelo descolamento dos dois produtos. Enquanto a taxa de crescimento anual visualizada no setor foi de 2,1% ao ano, a taxa do PIB brasileiro foi equivalente a 3,5%, gerando variações acumuladas da ordem de 20% e 36%, respectivamente. Ainda assim, o produto relativo ao agronegócio chegou a R$ 1,09 trilhão, representando 22,5% do PIB nacional, mantendo, assim, a média aproximada.

Registre-se que essa diferença não foge do esperado. De acordo com dados históricos da economia norte-americana, analisados por John M. Antle, em "The New Economics of Agriculture", é de se esperar que o crescimento econômico de um país resulte em uma menor participação da agricultura e da pecuária em seu PIB.

Isso se explica com a elasticidade-renda da demanda por produtos provenientes do agronegócio, que tende a ser positiva e inferior a 1. Ou seja, para cada 1% de aumento real na renda dos consumidores, uma parte minoritária do acréscimo é destinada à compra de alimentos. Isso implica uma redução proporcional da demanda por este tipo de produto, pois, quanto mais aumenta a renda de uma população, menor passa a ser a porcentagem investida no consumo de alimentos essenciais.

Contudo, apesar do que é estimado pelas teorias econômicas, a queda da expressividade do agronegócio ainda não ocorre de maneira consistente no Brasil. Mesmo com as oscilações das últimas décadas, a área continua sendo responsável por praticamente a mesma fatia de riqueza gerada. Para explicar tal peculiaridade, existem dois fatores a serem apontados.

Primeiramente, 39% da população brasileira, segundo estimativas da FGV (Fundação Getulio Vargas), são considerados pobres, sendo que 30 milhões estão abaixo da linha da pobreza. Esse estrato populacional, ao perceber uma melhora em sua renda, tende a consumir mais alimentos básicos e proteína animal.

Ademais, ao se levar em conta, ainda, que metade dos brasileiros pertence à classe C, a melhora no orçamento doméstico desta parte da população propulsiona a compra de alimentos processados e de maior valor agregado. Consequentemente, eleva-se o consumo interno dos produtos da agroindústria. Fica claro, portanto, que o Brasil ainda não atingiu um nível de maturação econômica e social suficiente para uma queda representativa no consumo proporcional destes produtos.

O segundo ponto que contribui para o esclarecimento do fenômeno é a maneira como o Brasil está inserido no comércio internacional. A agropecuária nacional é fornecedora de produtos para diversas outras nações. O aumento nas exportações



SHUTTERSTOCK


SHUTTERSTOCK

não explica somente como a área manteve-se com forte participação no PIB, mas também justifica o aumento na lucratividade dos setores "antes da porteira" (de insumos) e "dentro da porteira" (relativos às atividades agrícolas e pecuárias).

Entre 1994 e 2003, o agronegócio foi responsável por cerca de 42% das exportações totais; em média, partindo de US$ 19 bilhões, em 1994, para US$ 30 bilhões, em 2003. Com crescimento de 156% entre 2004 e 2013, passou a representar 38% das exportações, aproximando-se de US$ 100 bilhões. Durante o período, pode-se dizer que, para cada US$ 10, US$ 4 saíram do campo.

Ao longo da última década, a agricultura e a pecuária permitiram que o Brasil fosse mais competitivo no cenário internacional, passando a figurar entre os principais produtores e exportadores mundiais. Atualmente, o País ocupa a primeira posição na produção de café, açúcar, suco de laranja e carne bovina. No âmbito das exportações, é *player* majoritário nos mesmos produtos, adicionando à lista os mercados de milho e carne de frango. Além disso, desde meados dos anos 2000, é líder no *ranking* de exportações líquidas de produtos agrícolas. Em 2013, segundo informações da Organização Mundial do Comércio (OMC), chegou ao saldo líquido de US$ 76 bilhões na balança comercial.

A consolidação do Brasil como um dos principais *player*s mundiais veio acompanhada da diversificação dos parceiros comercias. Em 1997, as exportações atingiam 194 mercados, sendo que 58% das vendas totais eram destinados aos Estados Unidos e à União Europeia. Já, em 2013, o País exportou para 216 nações e aumentou as vendas para mercados importantes e estratégicos, como a China, o Oriente Médio e a África.

Tais números representam o quão atrativo o Brasil tornou-se para aplicações estrangeiras nos últimos anos. O crescimento das reservas internacionais, conjuntamente à melhora de outros indicadores econômicos, aumentou a atratividade do ambiente de negócios no País. Internamente, os investimentos geram o aquecimento na dinâmica concorrencial do setor. Segundo informações da PwC (PricewaterhouseCoopers), a indústria de alimentos e agronegócio aumentou sua participação no efetivo de fusões e aquisições, saltando de 9%, em 2003, para o pico de 15%, em 2007.

E há, ainda, o valioso aspecto adicional da importância social do agronegócio. Em uma economia mais aquecida, é fundamental contar com uma produção de alimentos intensa. Com mais produtividade, qualidade e competitividade, quem sai ganhando é a população consumidora. Além disso, para as contas públicas, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Matriz Insumo-Produto (MIP), o setor gera mais impostos do que diversas outras atividades da economia, como comércio, mineração, petróleo e gás e fabricação de caminhões e ônibus. Para cada R$ 1 gerado na forma de valor bruto da produção, em 2009, o setor gerava R$ 0,07 na forma de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) e outros tributos indiretos.

Com todo o exposto, é inegável que o agronegócio possui enorme valor no contexto da economia brasileira – valor proporcional a seus números. Sua função na balança comercial e em nosso PIB só não supera sua importância quanto à questão social, à população como um todo – a quem, afinal, a economia serve. ■

* Secretário nacional de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)